



Perspectivas

Novas Gerações: ao encontro de Jesus ressuscitado que nos transforma¹

Vanildo Luiz Zugno, OFMCap

Falar de “Novas Gerações de VR” não é primeiramente uma *questão de idade*, mas uma *questão de espírito*. E mais: não é tanto uma *questão pessoal*, mas sobretudo uma *questão institucional*. Um religioso ou uma religiosa podem ter entrado para a VR há muito pouco tempo e até mesmo com uma idade muito jovem, e mesmo assim não representar *Nova Geração* de VR.

O que também não é decisivo quando se fala em “Novas Gerações de Vida Religiosa” é o número de jovens que há em determinada Congregação ou se há muitas vocações em tal país ou região. A verdadeira pergunta

é: o que de novo há na VR? Por novo pode-se entender duas coisas: (1) que novas formas de Vida Religiosa estão surgindo, tanto nas novas como nas velhas Congregações? (2) que Boas Novas a VR traz para as pessoas, a Igreja e o mundo de hoje?

É importante que nos coloquemos essas perguntas porque, quem nasce para a VR, à semelhança de “O curioso caso do Senhor Benjamin Button” (Warner Bros/Paramount Pictures/The Kennedy/Marshall Company, direção de David Fincher, EUA, 2008) já nasce velho! A pergunta é: como rejuvenescer? Como fazer-se novo? E mais: como conviver com o novo que vem?

E isso não é surpreendente, pois a VR, nas suas formas mais primeiras, já tem quase dois mil anos de idade! Quando alguém entra numa instituição, herda já toda uma cultura que foi sendo acumulada durante décadas, séculos, milênios. É ilusão pensar que se pode começar tudo do zero. Até as novas instituições que surgem, já vêm marcadas pelo conjunto da tradição da VR. Não só não nascemos do zero, mas, para o bem ou para o mal, entramos neste mundo já com toda uma carga que não podemos escolher não carregar.

Dar-se conta dela é o primeiro passo para torná-la mais leve e suportável e poder criar o novo.

Desafio que já foi lançado por Jesus diante da inquietação de Nicodemos: “como pode alguém nascer, se já é velho? Ele poderá entrar uma segunda vez no ventre de sua mãe para nascer?” A resposta de Jesus remete à ação daquele que tudo pode fazer novo: “o vento sopra onde quer e ouves a sua voz, mas não sabes de onde vem, nem para onde vai. Assim é também todo aquele que nasceu do Espírito” (cf. Jo 3,1-8). A preocupação com as Novas Gerações de VR não pode ser alimentada pelo medo do espectro do envelhecimento e da morte, pessoal ou institucional, mas uma resposta atenta ao sopro do Espírito presentes na história. Mais do que olhar para si mesma em busca do novo, trata-se de olhar ao redor para ver o que de novo o Espírito faz surgir e sentir como, em meio a estas novas realidades, ela pode fazer-se nova a cada vez.

1. OS SOPROS DO ESPÍRITO NO MUNDO

Uma rápida olhada aos noticiários nos permite ver que muitas coisas

novas estão nascendo no mundo em que vivemos. O *centro econômico* do mundo não é mais o Atlântico Norte. Os Mares do Sul são as águas onde a riqueza do mundo circula hoje. Brasil, Rússia, Índia e China (o chamado *BRIC*) aparecem como novos pólos dinâmicos da economia mundial e ao seu redor articulam outras forças que, no seu conjunto, se tornam cada vez mais alternativas aos países do norte até agora dominantes.

Seguindo a esteira do econômico, vemos que uma *nova configuração cultural* do está nascendo. Podemos dizer que estamos passando de uma humanidade eurocêntrica a um mundo pluricultural e multiétnico. A padronização cultural (*macdonaldização*) imposta pela globalização econômica neoliberal fez surgir exatamente o seu oposto, ou seja, a valorização das culturas locais e o respeito pelo diferente. Até mesmo no centro do poder hegemônico cultural branco foi eleito um Presidente negro! Sinais dos tempos.

No *âmbito político*, podemos dizer que estamos passando de um mundo dominado pelo Império Norte-americano que vinha se firmando desde a Segunda Guerra Mundial e que alcançou o seu êxito na queda

do Muro de Berlim, a um mundo multipolar. É cada vez maior o número de países -principalmente na América Latina e Caribe- que se recusam a uma postura de submissão diante dos ditames da Casa Branca e seus diplomáticos.

Em resumo, podemos, esperançosamente, dizer não só que “um novo mundo é possível”, mas que já há sinais dele emergindo no horizonte e que nos convida a um novo tipo de VR condizente com esta realidade.

2. OS SOPROS DO ESPÍRITO NA IGREJA

Talvez pela primeira vez na história da Igreja Católica Romana possamos dizer que estamos sendo mais *católicos* que *romanos*. Mesmo que a Cúria Romana continue tendo forte influência no dia-a-dia das Igrejas locais, estas, cada vez mais, têm vida própria e buscam construir, em suas realidades concretas, o jeito cristão de ser a partir das culturas, das histórias, do jeito de ser de cada povo concreto em que lhes cabe viver o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo. Estamos caminhando para uma catolicidade (= universalidade) concreta. Construção que se dá através das ins-

tâncias colegiais (Conferências Episcopais) ou de forma silenciosa pelo não acatamento das normas oficiais romanas.

O novo na Igreja também aparece pelo fim cada vez mais rápido da Igreja de Cristandade. Aque-la Igreja aliada do Estado e que contava com uma ampla maioria numérica já não existe mais. A implantação, em quase todos os países, do Estado moderno, juntamente com o processo de urbanização, fez com a Igreja Católica já não conte mais com as benesses do poder público e se dê conta que é uma entre tantas outras igrejas e religiões. E mais: nos grandes centros urbanos e até em países inteiros de nosso continente, os católicos já são numericamente minoria. Isso está permitindo que renasça em nossas igrejas a dimensão testemunhal e profética do ser cristão. Já não basta dizer que se é católico; é preciso dar prova disso. E, em muitos casos, com a própria vida.

Por fim, e talvez como consequência do movimento anterior, embora de forma ainda muito débil, mas não por isso menos importante, vemos nascer, por aqui e por lá, um novo jeito de ser cristão. Começa a surgir uma

nova Igreja que não se imagina mais, tanto interna como externamente, como constituída sobre e para o poder; mas uma Igreja constituída desde e para o serviço dos pobres e sofredores. Não mais uma igreja senhorial, mas uma igreja fraterno-sororal onde indígenas, afrodescendentes, negros, jovens, mulheres, crianças, idosos... todos e todas, enfim, têm vez e têm voz. Uma Igreja onde, pelo sacerdócio comum fundado no batismo, podem exercer seu ministério régio, profético e sacerdotal de forma participativa e inclusiva. Uma Igreja Católica aberta para o mundo, para as outras denominações cristãs dentro do marco do ecumenismo e aberta para as outras formas de expressar a fé no divino numa perspectiva interreligiosa.

Temos que reconhecer que esses sinais ainda são débeis. Mas existem e nos permitem dizer que um renascer da Igreja também é possível. E é dentro dele que são convidadas a se situarem as Novas Gerações da VR.

3. OS SOPROS DO ESPÍRITO NA VIDA RELIGIOSA

Talvez o sinal mais clamoroso do sopro do Espírito na VR -mesmo

que para alguns seja pessoal e institucionalmente doloroso- é a lenta e gradual morte da VR na Europa e nos Estados Unidos e o seu fecundo renascer -tanto institucional como pessoalmente- no sul. África e Ásia são os lugares onde mais cresce o número de religiosos e religiosas e onde mais surgem novas formas de VR. Este renascer -e aí talvez esteja sua grande novidade- traz para dentro da velha VR todo um novo jeito de ser marcado pelas culturas e pelas tradições sociais e eclesiais próprias a esses povos.

A América Latina e o Caribe também vivem essa mudança. Uma rápida olhada sobre nossas províncias e congregações mostra que é cada vez menor o número de religiosos e religiosas oriundos da Europa ou de cultura européia e cada vez maior o número de afro-descendentes e, sobretudo, indígenas que adentram à VR. São muitas as tensões e os conflitos resultantes dessa dupla pertença. Por um lado somos herdeiros de uma tradição institucional européia. Por outro, afirmamos cada vez mais nosso jeito latino-americano de ser VR. Conciliar as duas coisas nem sempre é fácil. Exige esforço e determinação que, em muitos casos, em meio das flores

e espinhos, começam a dar seus primeiros sinais que, se ainda não são propriamente frutos, nos permitem antecipar seu sabor.

4. UMA VR A SERVIÇO DO REINO

Jesus nunca se anunciou a si mesmo. Tampouco teve como preocupação central de sua pregação o anúncio de Deus. Para Jesus, o que importa é o Reino. Toda sua vida está em função do Reino. Reino que é a realização da vontade do Pai para toda a humanidade e toda a criação. Toda sua ação -ação e pregação- tem como objetivo a glória de Deus que é ver a pessoa humana livre do sofrimento e da morte (cf. Jo 11,4).

A VR envelhece quando se centra sobre si mesma ou se fecha dentro do âmbito eclesial. Uma rápida olhada sobre a história da VR em suas origens e em seus grandes momentos de renovação nos mostra que ela existe para o mundo, e não para si mesma e nem mesmo para a Igreja.

Sinais de nova geração na VR é quando as velhas instituições são capazes de deixar de manter velhas estruturas materiais e mentais herdadas do passado

e passar a se preocuparem com os rostos ameaçados de morte que clamam a Deus (cf. DP 31-39; DSD 178; DA 65) para, do fraco deixar que nasça a força, do impotente o poder, do medroso a coragem... da morte, a vida e que, ali, o Reino de Deus se manifeste para a Sua maior glória!

5. UMA VR PROFUNDAMENTE TRINITÁRIA

Além de colocar o Reino e não a si mesmo como centro, Jesus também nunca pretendeu fazer nada sozinho. Toda a sua ação se dá em sintonia com o Pai e o Espírito (Jo 16,13-15). Após a Ressurreição Jesus nos dá o seu Espírito (cf. Jo 20,22) para que saibamos que Deus é Pai e Mãe porque nos salva da morte (cf. Rm 6,4).

O cristianismo é uma religião trinitária onde Deus é uno e trino, é unidade na pluralidade. A VR, assim como o cristianismo em geral, muitas vezes ignorou esse dado fundamental da fé cristã e cultivou uma espiritualidade centrada unicamente na pessoa do Pai e, como forma patológica dessa unilateralidade, viu prosperar uma espiritualidade que reforçava a submissão e a hierarquia de

sociedades e modos de ser eclesiais e de VR que se baseavam na opressão e no autoritarismo. Outras vezes, por mirar exclusivamente na pessoa do Filho, a VR caiu na tentação da mística do messianismo de cunho prometeico e esqueceu-se que o Reino, acima de tudo, é graça de Deus. Ou, tanto na antiguidade como na atualidade, a espiritualidade exclusivamente pneumatológica leva à tentação de esquecer da concretude da carne e do mundo e esvair-se numa realidade etérea, angelical, esquecida do humano e dos seus sofrimentos.

Redescobrir a experiência trinitária do encontro com Deus-pai/mãe que nos oferece gratuitamente o seu Reino de vida para todos os que padecem as dores e sofrimentos dos poderes deste mundo desigual e hierárquico; uma espiritualidade do Filho que nos convoca a dar a vida para que todos tenham vida e possamos assim construir uma sociedade e uma Igreja verdadeiramente fraterno-sororal; uma espiritualidade do Espírito que não se deixa aprisionar por nenhum limite deste mundo, é com certeza algo de novo gerado pela VR nas últimas décadas neste continente e ilhas.

6. UMA VR RELACIONAL

A experiência do Ressuscitado que nos abre à realidade trinitária também nos faz descobrir um novo jeito de viver em comunidade e em sociedade. Se, pela fé em Jesus Ressuscitado, nos descobrimos filhos de Deus (cf. Gal 3, 26) e em Cristo, cristificados, já não há nada que possa criar hierarquia entre os cristãos. Nem raça, nem posição social ou condição de gênero (cf. Gal 3,28) são motivo para que um se considere superior aos outros e outras. Todos estão no mesmo nível e são convidados a pôr tudo o que são e o que têm em comum (cf. At 2,44-47) para a construção de uma sociedade, de uma igreja e de uma VR de iguais onde as diferenças não são motivo para hierarquização, mas para o intercâmbio fraterno-sororal de diversidades onde cada um e cada uma se enriquece com a presença, o ser e o ter do outro e da outra. É uma vida pericorética à imagem e semelhança da Trindade onde cada uma das pessoas é ela mesma na medida em que se dá e acolhe completamente a outra sem reduzi-la a si mesma mas, pelo contrário, afirmando-a em sua própria identidade.

A VR foi e muitas vezes continua sendo marcada por sinais que deli-

mitam e hierarquizam. Basta pensar na frequência com que a palavra “superior” e “prior” é usada em nossa linguagem... Sem falar em outros sinais como antiguidade, ancianidade, origem, quantidade de bens, santos, obras... que colocam hierarquia tanto no interior como nas relações entre as diversas Congregações Religiosas.

O sufixo “inter” parece ser o que mais caracteriza o nascimento de uma nova VR, tanto no micro como no macro. Ser capaz de criar, no interior de cada comunidade e de cada instituição de VR, fecundas relações entre as diversas culturas, etnias, nacionalidades, gerações, gêneros, experiências religiosas... que as compõem e, coerente com esse ser interno, apresentar-se ao mundo como sinal e instrumento para a construção de relações de fraternidade e sororidade num mundo plural, sem pretensão de hegemonias e hierarquias, é, com certeza, sinal do novo que está nascendo na VR da América Latina e Caribe.

Notas

¹ O presente texto é transcrição escrita de Palestra apresentada no I Congresso de Novas Gerações de VR organizado pela Confederação Latinoamericana de Religiosos e Religiosas –CLAR- e realizado em Manágua, Nicarágua, de 22 a 24 de abril de 2009. O texto, revisto pelo autor, guarda o caráter oral da apresentação.

